

Turé

Elissandra Barros



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13110>

DOI: [10.4000/pontourbe.13110](https://doi.org/10.4000/pontourbe.13110)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 28 dezembro 2022

Refêrencia eletrónica

Elissandra Barros, «Turé», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 23 dezembro 2022, consultado o 29 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13110> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13110>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 dezembro 2022.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Turé

Elissandra Barros

- 1 O Turé é um ritual comum aos povos indígenas do Oiapoque – Galibi-Marworno, Karipuna, Galibi-Kalinã e Palikur-Arukwayene –, realizado em agradecimento aos *Karuãnas*, os seres invisíveis que habitam outro(s) mundo(s). Os Palikur-Arukwayene o chamam de *Kayka*, e embora haja distinção entre o Turé praticado por esses diferentes povos, há também diversas semelhanças rituais e estéticas e prevalece entre eles o princípio de agradecimento e referenda aos seres sobrenaturais – às pessoas invisíveis que vivem no outro mundo – pelas curas que eles propiciaram por meio das práticas xamânicas dos pajés. O pajé é o elo entre este e o(s) outro(s) mundo(s) e o Turé é dedicado aos *Karuãnas* que compõem o plantel de auxiliares invisíveis de um pajé, pessoas com as quais ele sustenta relações cooperativas (MAIA, 2012:981). O ritual é realizado dentro do *lakur*, constituído por um espaço circular delimitado a partir de um mastro central, enfeitado com grafismos.
- 2 A estética do Turé é bem definida, os homens vestem o *kalembê*, um pedaço de pano vermelho; enquanto as mulheres usam *butxiê*, *kuhun* de penas de arara e *plimaj* na cabeça, também enfeitam o corpo com *kuhun*, colares de miçangas e pintam o rosto, braços e barriga com marcas diferentes (MAIA, 2009). Se o pajé é o elo entre os mundos, o espaço interno do *lakur* também é um terreno do sobrenatural, no qual somente é possível adentrar seguindo as regras definidas pelo pajé. Esse espaço é bem demarcado pelo mastro ao centro, ao pé do qual é colocado o banco do pássaro ou banco do pajé, com o banco de seus ajudantes principais em cada um dos lados. Dois grandes bancos zoomorfos, geralmente do jacaré e da cobra, são fixados nas extremidades do *laku*, em lados opostos, destinados aos dançarinos: de um lado os homens, do outro as mulheres.
- 3 Os grafismos são fundamentais na estética do Turé, estão presentes na pintura corporal, mas também nos mastros, bancos, flautas e cuias. Todo o ritual, que pode durar de um a três dias, é regado a *caxixi* – uma bebida tradicional, fermentada, produzida a partir da mandioca, abacaxi e cará –, servido em cuias para os participantes. Não há Turé sem *caxixi* e a festa acaba no momento em que este termina. O fumo é indispensável às atividades do pajé, durante todo o ritual o pajé e seus ajudantes fumam cigarros de *tawari*, que geralmente ficam amarrados no mastro central.

- 4 As imagens que compõem este ensaio, denominado simplesmente de “Turé”, foram selecionadas de um conjunto maior, captado durante o primeiro Turé da Aldeia Anawerá, do povo Galibi-Marworno, realizado em 2018, e fazem parte de um projeto destinado a registrar o ciclo do Turé dos povos indígenas do Oiapoque. Aqui o Turé é apresentado a partir dos detalhes, a lente se fixa nos principais elementos constitutivos do Turé, enfatizando sua importância para o ritual. Nosso foco foi as partes, não o todo ritual, mas o todo sem a parte não é todo, já disse o poeta, e o Turé sem suas partes não é Turé.



Figura 1: Detalhe do banco da cobra, destinado aos dançarinos do Turé – Aldeia Anawerá, 2018.

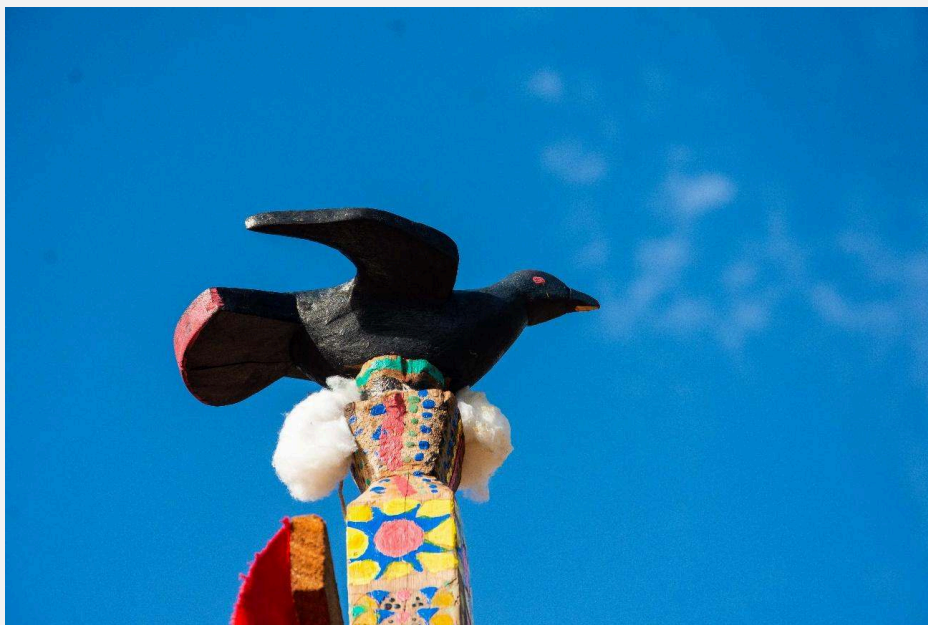


Figura 2: Pássaro no topo do mastro central do Turé – Aldeia Anawerá, 2018.



Figura 3: Preparação dos dançarinos com a pintura corporal – Aldeia Anawerá, 2018.



Figura 4: O pajé, principal elemento do Turé – Aldeia Anawerá, 2018



Figura 5: Mulheres seguram as cuias com as quais o caxixi é distribuído – Aldeia Anawerá, 2018.

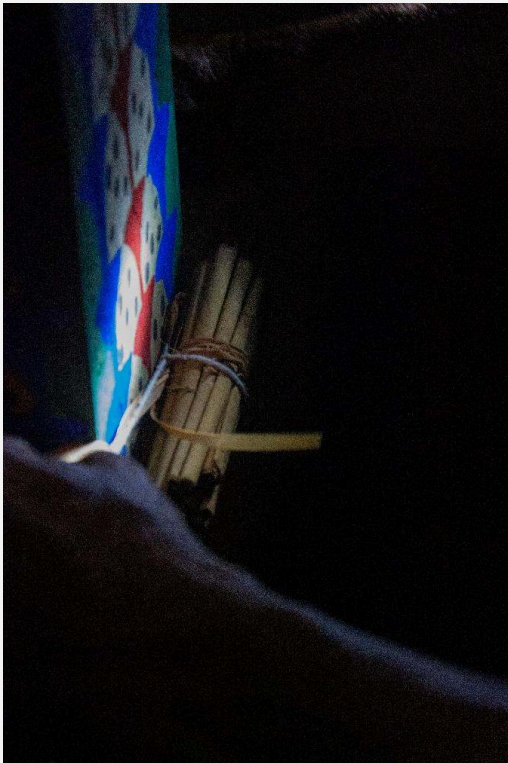


Figura 6: O *tawari* do pajé preso no mastro principal – Aldeia Anawerá, 2018.



Figura 7: Mastro do Turé – Aldeia Anawerá, 2018.

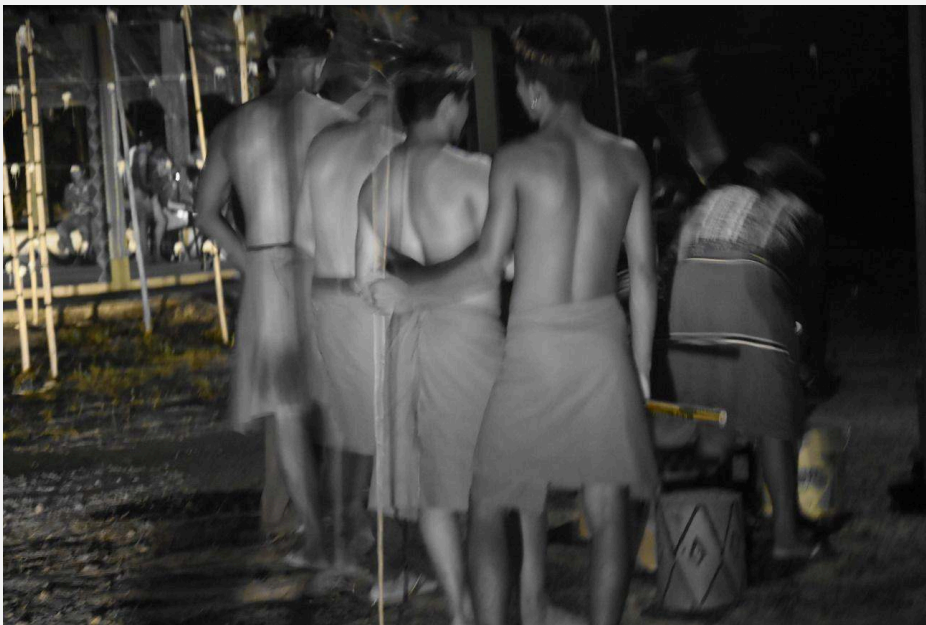


Figura 8: Dançarinos do Turé – Aldeia Anawerá, 2018.

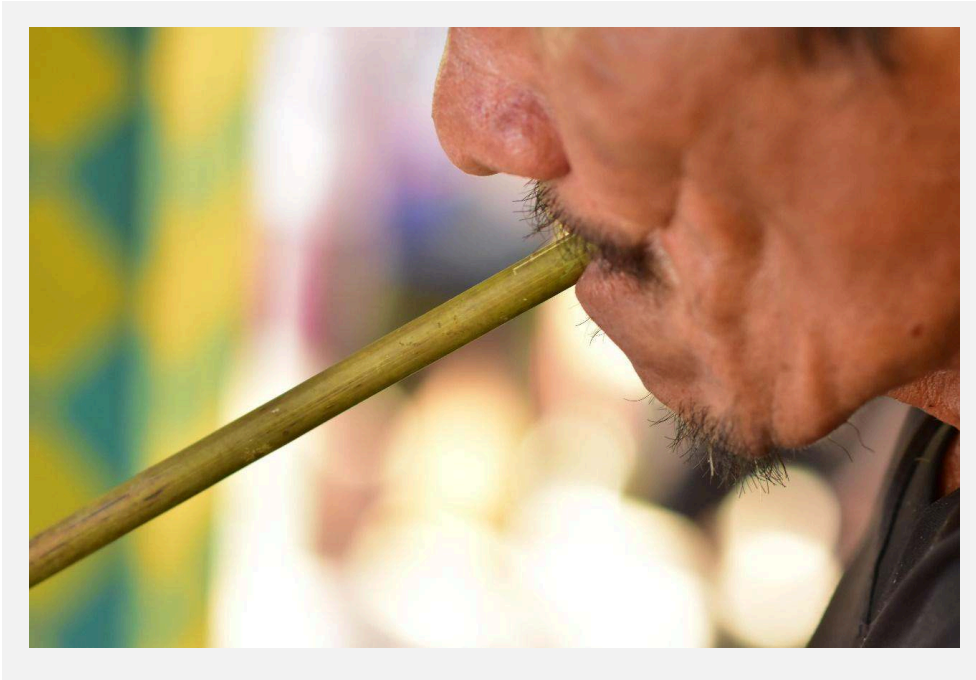


Figura 9: Preparação de uma das flautas do Turé – Aldeia Anawerá, 2018.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Ugo Maia. “Sobre Artefatos-Pessoa e Produção Ritual No Baixo Oiapoque (Amapá).” *Revista De Antropologia*, vol. 55, no. 2, 2012, pp. 971-1016. JSTOR, www.jstor.org/stable/43923867. Acessado em 7 de Janeiro de 2021.

ANDRADE, Ugo Maia; KUAHÍ, Museu (Ed.). *Turé dos povos indígenas do Oiapoque*. Museu do Índio-FUNAI, 2009.

AUTOR

ELISSANDRA BARROS

Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É docente efetiva do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá, que atende as etnias Palikur, Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi-Kalinã, Apalai, Waiana, Tiriyó, Kaxuyana e Wajãpi. É tutora do Programa de Educação Tutorial (PET-Indígena) e líder do Núcleo Kusuvwi de Estudos Palikur-Arukwayene (NUKEPA). Desenvolve projetos de pesquisa com línguas indígenas, enfocando, principalmente, a descrição da língua Parikwaki e Kuruaya. Trabalha com a documentação de línguas e culturas indígenas e educação escolar indígena.